

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa

A BELLE ÉPOQUE CARIOCA POR JOÃO DO RIO

Alline Danilla da Conceição

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) *Natanael Duarte de Azevedo*

Recife

2022

A BELLE ÉPOQUE CARIOCA POR JOÃO DO RIO

Alline Danilla da Conceição/estudante autor do TCC
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
allinedanilla@hotmail.com

Natanael Duarte de Azevedo /professor orientador do TCC
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
natanael.azevedo@ufrpe.br

RESUMO

A *Belle Époque* aconteceu durante o período de transição entre o século XIX e XX. Mundialmente, vemos o cenário europeu em paz e com grandes avanços tecnológicos. A França como capital cultural do continente e Paris passou por grandes reformas que a fizeram ser reconhecida pelo nome de “Ville Lumière” (Cidade Luz). Essas transformações influenciaram não só a Europa, como também se espalhou pelos demais continentes, chegando também ao Brasil. No governo do então prefeito Pereira Passos, passou por uma série de obras, como o alargamento das ruas, a retirada de prédios e a construção de cartões postais, como o teatro Municipal e o teleférico pão de açúcar. Surgem também diversos cinemas além de cafés e confeitarias que davam à Capital ares parisienses. A região central, localidade escolhida pelo prefeito para ser remodelada, tornou-se cenário não apenas de reformas, como também de uma política “higienista” e “embelezatória”. Muitos moradores foram obrigados a abandonar suas casas em prol dessa “modernização”. Em consequência, vemos o surgimento das favelas nas barrancas dos morros e todos os problemas sociais que dela faz parte. É neste contexto que surge então o cronista Paulo Barreto, que tendo por referências essa ríspida realidade, se destaca em relatar o cotidiano daquelas pessoas. O respectivo estudo tem como intuito analisar a literatura transitória entre o século XIX e XX, passando por uma interpretação cautelosa dos manifestos artístico-políticos no cenário brasileiro, levando em consideração os fatores sociais da época e assim compreender melhor a realidade que se passava naquele povo. Partindo do século em questão, destacaremos João do Rio, pseudônimo mais famoso do cronista em estudo. Cabe ressaltar que, um estudo mais aprofundado acerca da vida e performance do escritor de acordo com Lêdo Ivo, Claudia Gonçalves Ribeiro e Fernanda Mansilia Paulino e sobre a *Belle Époque* por Natália Lima.

Palavras-chave: João do Rio. Belle Époque. Crônica.

Introdução

Este respectivo trabalho tem como objeto de estudo as produções literárias ocorridas no início do século XX, mais especificamente o livro de crônicas cariocas “O Cinematógrafo” escritas em 1908, dele extrairemos duas obras para maior análise. Sendo objeto de estudo também, as mudanças ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, visto que houve uma profunda transformação e que esta refletiu diretamente nos manifestos artísticos. O assunto será abordado por um recorte socioeconômico e literário, tendo como suporte o trabalho desenvolvido por Lêdo Ivo, Claudia Gonçalves Ribeiro, Fernanda Mansilia Paulino e Natália Dias de Casado Lima.

Paulo Barreto, também conhecido pelo seu pseudônimo João do Rio, é o nosso autor escolhido para aprofundar o tema. Ele que presenciou as duas faces da *Belle Époque* de perto e que por meio dos textos, denunciava a realidade local, escrevendo não apenas crônicas, mas também transformando-as em reportagem e assim trazendo inúmeras contribuições para o mundo literário.

As motivações que levaram à escolha dessa pesquisa deram-se a partir do fato de entender que a literatura traz consigo aspectos históricos, sociais e políticos importantes que influenciam o modo ao qual o autor produz. A literatura é em outras palavras, uma representação da realidade, é arte embasada no contexto ao qual se insere e mediante a isso se torna imprescindível estudar de forma paralela. E é com esta percepção que será estruturado todo o campo de pesquisa voltado para análise e interpretação dos fatos e textos.

Com esta pesquisa, objetivamos compreender melhor o que aconteceu no Brasil na transição do século XIX e XX, observar a representação da comunidade leitora da época e como todo o processo de transformação influenciou a literatura. Além de identificar as contribuições deixadas pelo autor Paulo Barreto.

Metodologicamente, esse projeto caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, uma vez que buscamos informações sobre aspectos subjetivos de fenômenos sociais que ocorrem em determinado tempo, local e cultura. Diante aos

objetivos pretendidos, achamos importante dividir nosso trabalho em três partes para melhor entendimento.

Na primeira, faremos um recorte pela “*A Belle-Époque carioca*” apresentando um panorama do contexto sociocultural do Rio de Janeiro no início do século XX e as inovações ocorridas na cidade, identificando os pontos positivos e negativos que essa modernização trouxe para os moradores locais. Tendo como técnica de coleta de dados sínteses de leituras e registros fotográficos da época, abordaremos por uma análise temática e sociocultural. Em uma segunda seção, discorreremos sobre um breve estudo acerca do autor Paulo Barreto e seu pseudônimo João do Rio, analisando suas características. Tendo como técnica de coleta de dados a pesquisa bibliográfica e a leitura de duas crônicas que fazem referência à realidade da cidade do Rio de Janeiro. E em uma última parte, abordaremos quais foram as contribuições deixadas pelo autor, passando por uma análise sociocultural e linguística.

As coletas de informações se deram a partir de leituras na hemeroteca, pesquisas e análises, utilizando um referencial teórico advindo dos autores Lêdo Ivo, Claudia Gonçalves Ribeiro, Fernanda Mansilia Paulino e Natália Lima. Além de análise documental através das crônicas produzidas pelo autor Paulo Barreto. Como complemento de registro, utilizaremos imagens retiradas na época disponível em sites.

A Belle Époque Carioca

Partindo de um contexto histórico, observamos que uma república surgia em frente ao império. Diante a uma população de escravos alforriados e imigrantes, o século XX é marcado por uma profunda transformação. As ações em torno das “melhorias” da cidade contribuíram também para uma intensa movimentação cultural, principalmente literária, em torno das novidades advindas do processo de mudança dos “usos, costumes e ideias” (RIO, 2006, p. 5).

A *Belle Époque* caracterizou-se pelas inúmeras construções e desconstruções locais, aos quais pode-se citar o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, a Cinelândia e

o Palácio Monroe. Em 1904, a *Gazeta de Notícias* relatou em sua edição algumas informações a respeito das obras. Abaixo, transcrevemos duas notas, denominadas “Obras do porto”:

É esperado amanhã ou depois de amanhã, pelo paquete inglês Danube o Sr. J. Walker, empreiteiro das obras do porto desta capital. Com o Sr. Walker chega grande parte do material que vai ser empregado nas obras, figurando entre ele uma grande draga que recebeu o nome de Lauro Müller. Por todo este mês ainda chegará aqui uma grande draga, a maior que será empregada no serviço. Essa draga chamar-se-á Rodrigues Alves (*Gazeta de Notícias*, “Obras do porto”, 2 de janeiro de 1904, p. 1). O Sr. Walker, empreiteiro das obras do porto, traz consigo apenas três engenheiros que serão chefes de seção. Mais tarde, virão alguns mestres e contra mestres. Ao todo, o pessoal contratado na Inglaterra não excederá 30 pessoas. Calcula-se que, com os operários, sejam precisas 3.000 pessoas para a construção do cais (*Gazeta de Notícias*, “Obras do porto”, 3 de janeiro de 1904, p. 1)

Para atender ao modelo de “modernidade” estabelecido na época, tornava-se imprescindível a ação de modificar o aspecto urbanístico das grandes metrópoles. No Rio de Janeiro, uma das transformações que ganharam destaque foi a construção do cais no porto, por meio dela seria possível expandir o comércio marítimo e as relações internacionais. A imprensa teve um papel fundamental uma vez que o avanço era noticiado e propagado para as demais populações, levando-as a terem o desejo de migrarem para a cidade. Na ilustração que segue, vemos a nova estrutura sendo erguida.



Imagem I: Foto da construção do Porto do Rio no início século XX

Fonte: Álbum das Obras do Porto do Rio de Janeiro

Disponível em: <https://projeto colabora.com.br/ods11/arquivo-publico-as-escuras-no-rio/>

Pereira Passos, o prefeito da época, inspirado no modelo urbanístico de Paris, transformou o centro da cidade. O espaço antes com modelo de urbanização

portuguesa, com traços colonialistas, aos poucos fora sendo substituída por novas construções. O Rio “civilizava-se”, era assim que a elite se referia a dizimar os costumes, as tradições, as construções antigas e a população miscigenada que ali vivia. O início do século XX foi marcado por uma política “higienista”, que desconsiderava tradições que não fossem semelhantes aos traços europeus e “embelezatória” por visar apenas em tornar atrativa a cidade, por meio das novas construções.

Abaixo, segue algumas imagens que retratam um pouco do que foi a remodelação da cidade do Rio de Janeiro. Por meio delas, conseguimos perceber as influências europeias. A nova forma de construir e os novos modelos de fato chamam bastante atenção uma vez que possuem características ímpares. Na figura II, identificamos o início da construção do Teatro Municipal ocorrida em 1905, quatro anos depois, em 1909 temos a sua inauguração, conforme imagem III.



Imagem II: 1905, Construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

(Fonte: <https://diariodorio.com/historia-do-theatro-municipal/>)



Imagem III: 1909, Inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro
(Fonte: <https://diariodorio.com/historia-do-theatro-municipal/>)

A Belle Époque carioca provavelmente foi a mais importante e evidente do Brasil visto que na época era a capital do país. Segundo Chataignier (2010, p.82) o crescimento urbano da cidade já vinha desde 1817 com a chegada dos ônibus até o bonde elétrico em 1892 e a nova iluminação da cidade.

As transformações não se deram apenas no espaço físico, como também o jornalismo passou a ter caráter mais comercial. A imprensa teve um desenvolvimento mais intenso impulsionado pelos avanços nos transportes e nos meios de comunicação. Os telégrafos, por exemplo, foram fundamentais para a circulação de notícias e o estreitamento das comunicações entre as regiões brasileiras. Além disso, a ampliação das linhas ferroviárias possibilitaram que os jornais chegassem aos leitores brasileiros em um tempo mais reduzido. Os correios utilizavam os trens e bondes para distribuí-los pelas regiões mais distantes, levando para todo o Brasil as mudanças que ocorriam na capital.

A fotografia também foi um recurso muito utilizado na divulgação das reformas urbanas, visto que era intencional mostrar ao mundo e ter visibilidade das mudanças ocorridas. As construções elegantes visavam promover um efeito de encantamento, o investimento nessas fotografias dentro do contexto das reformas urbanas visava também a promoção da cidade no exterior, e uma das medidas do governo foi a produção e emissão de cartões postais divulgando a beleza da cidade em outros países (AZEVEDO, 2016, p. 136).

João do Rio e os manifestos da época

De acordo com Broca (2005, p. 38), “Os escritores superestimavam essa modernização da cidade, atribuindo ao Rio, em contos, romances e crônicas, ambientes e tipos que na realidade aqui não existiam”. Logo, se torna observável o desejo de mudança e a busca pela sonhada “civilização” ao ponto de produzirem com um certo exagero.

Por outro lado, Paulo Barreto não romantizou esse período de novos hábitos e comportamentos advindos pela “modernização”. Pelo contrário, em seus escritos, ao qual abordaremos mais adiante, o narrador João do Rio, deixa nítido o ambiente sócio-político e as disparidades encontradas naquela região. Ele percorria ruas, becos e hospedarias em busca dos personagens miseráveis presentes na cidade da *Belle Époque*. Mostrando o outro lado da civilização, Paulo destacava as pessoas esquecidas/marginalizadas dando-lhe ênfase nas produções, como afirma Fernanda Mansilia (2014, p.14):

Mendigos, prostitutas, crianças exploradas e trabalhadores braçais foram interrogados pelo repórter na série, a qual mantinha, com o periódico, um diálogo estreito por via das diversas rubricas nas quais esses personagens eram os protagonistas.

Logo, por meio dessa afirmação é que podemos identificar um ponto importante do autor. A fácil/estreita comunicação entre os moradores da cidade fizeram com que as produções se tornassem mais próximas e fiel a realidade. Em consequência, temos um público que se interessava em ler não apenas por ler, por entretenimento, mas sobretudo por se identificar ao que estava escrito nas entrelinhas.

A *Belle Époque* fez coexistir dois mundos distintos: -de um lado, a parte central da cidade, reconstruída e civilizada, do outro, -o entorno, esquecido e marginalizado. Como relata o narrador João do Rio através de uma conversa em sua crônica “as crianças que matam”, torna-se evidente essa dualidade:

“De vez em quando uma rótula aberta e dentro uma sombra. Que lugares eram aqueles? O outro mundo! A outra cidade! A atmosfera era

aquecida pelo cheiro penetrante e pesado dos grandes trapiches. Em alguns trechos a treva era total. Na passagem da estrada de ferro, a luz elétrica, muito fraca, espalhava como um sudário de angústias”.

“A Rua da Imperatriz, às oito e meia, com uma porção de casas comerciais velhas e tão juntas, tão trepidas na calçada, que parecem despejadas na rua, estava em plena febre.”

Tal trecho demonstra que as transformações não trouxeram apenas pontos positivos, como muitos afirmavam/acreditavam. O inverso também ocorreu, as pessoas menos favorecidas como imigrantes e escravos alforriados, continuaram de escanteio vivendo sob péssimas condições e sem perspectiva de melhorias. A “civilização” aconteceu, mas não incluiu a todos, excluiu/separou. As construções em prol de uma cidade mais bonita/atrativa desfez muitos lares, favoreceu o surgimento de moradias em locais inapropriados e intensificou ainda mais os problemas sociais. A falta de energia e a precariedade das ruas citada acima por exemplo, mostra o quanto era paradoxal a organização da cidade. Ainda da mesma crônica, destacamos:

“[...] civilização que tem em gérmen todas as decadências, o crime tende a aumentar, como aumentam os orçamentos das grandes potências, e com uma percentagem cada vez maior de impunidade”.

A criminalidade, é um dos problemas sociais encontrados nos grandes centros urbanos atuais, mas vemos que este já se fazia presente naquela época, ou ainda, tenha sido fruto dessa segregação social. O crime e a violência refletem a falta de investimentos para a população, não que isso justifique a conduta moral do ser humano, mas tem grande contribuição, uma vez que a falta de educação e de oportunidade digna de trabalho, deixa a mercê as garantias básicas de uma vida saudável. Como consequência, têm-se uma geração vazia em valores éticos e morais, sem perspectiva de vida, sem propósito, e sem esperança em dias melhores. A falta da impunidade relatada pelo narrador, reforça ainda mais que os holofotes do momento não englobavam o que de fato deveria. As atenções estavam voltadas a uma "evolução" que não favorecia a todos. A remodelação da Cidade trouxe sim muitos pontos positivos como os avanços tecnológicos, desenvolvimento da imprensa, dos meios de comunicação e transporte, mas por trás dela, os negativos aos quais fizemos destaque.

É neste contexto abarrotado de problemas sociais que João do Rio fez questão de expor aos leitores a ambiguidade desse novo tempo. De um lado, uma classe se

favorecia com os avanços, do outro, a grande massa sobrevivia na decadência que lhes restava. Em “os humildes” o autor não poupou dos detalhes ao se referir da classe trabalhadora:

Esses pobres diabos, homens como nós, com família, com filhos, com ideais talvez, não existiam propriamente; eram como o coque, como os aparelhos de destilação, como os fornos de uma quantidade componente do fato estabelecido neste princípio breve: ex fumo dare lucem. Mais nada”
“Humildes! Quanta coisa se vê e se ouve (que é impossível contar) de miséria, de sentimento, de irreparável, de infinita candura nessas pobres almas sem luz, nesses seres em que o próprio instinto se encurta ao movimento do animal de carga.”
“Os homens nessa região viraram apenas máquinas. São aparelhos da grande máquina de levar o minério, o piquiry, para os navios de carga. Quando descansa essa gente? Quando dorme? Quando pensa? É impossível saber”
“É ali, a dois passos, um dos trustes de exploração da vida humana, do esgotamento de pobres diabos, que nasceram pobres, que vivem pobres e que morrerão, abreviados pelo trabalho, ainda pobres, sem ao menos essa compensação magna: o dinheiro.

Nota-se o quanto era desesperador/desanimador a vida que essas pessoas tinham. A “miséria” não se refere apenas a condição social, mas sobretudo, a falta de perspectiva, eram pobres por não terem visão de crescimento, “almas sem luz”, ou seja, vazias, sem rumo, incapazes de mudar a realidade que a cercavam. O que faziam? – Trabalhavam. Trabalhavam apenas com um único objetivo: sobreviver. Sobreviver as péssimas condições de vida, as péssimas condições de trabalho, a falta de infraestrutura e a falta de oportunidades dignas. Pessoas cuja histórias e sonhos foram interrompidos, cuja dignidade não foi respeitada. A “Belle Époque” nem foi tão bela assim, as melhorias não alcançaram a todos, uma grande parcela da população teve seus direitos dizimados e toda a geração prejudicada. Além de todos os fatos mencionados, a falta de empatia e do reconhecimento, fica evidente:

Morrem nas pedreiras, morrem na estiva, morrem no minério, morrem sob as carroças, um hoje, amanhã outro. É fatal. Só quando morrem muitos é que se fala. Quando morrem ou quando fazem greve – porque o trabalho interrompe, o patrão dá o supremo desespero e a sociedade sente falta.

O homem humilde era aquele que pouco tinha e pouco conquistaria. O trabalho árduo não lhe permitia nem ao menos os cuidados básicos, lhes faltavam segurança, alimentação, saúde, lazer e moradia. Os grandes empresários/a elite tão pouco se importavam, como citado na fala do personagem "só quando morrem muitos é que se fala. Quando morrem ou quando fazem greve" vemos que a importância dada ao trabalho desses humildes era medida apenas enquanto funcionava, ou seja, pouco lhe importava a índole do trabalhador.

Utilizando uma linguagem de fácil entendimento, Paulo Barreto possuía uma característica ímpar, que era de juntar as falas de seus personagens a dados reais sobre os locais nos quais frequentava, acrescentando uma sensação de verdade ao que relatava. As descrições dos ambientes por ele frequentados e das pessoas com as quais interagia também fazia parte de suas características.

Paulo Barreto dominou com maestria esses dois tipos de textos, crônica e reportagem, conseguindo-se manter com as demais publicações da Gazeta (jornal da época). Do mesmo modo, conforme afirma Fernanda Mansília (2014. p.51)

João do Rio comentava o que era divulgado no noticiário do jornal quando mostrava, com mais profundidade, as vidas das personagens retratadas nas notícias diárias e nas demais publicações nas quais as personagens eram a "pobre gente".

Expondo aos seus leitores o dia a dia de pessoas vivendo à margem da sociedade, muitas vezes invisíveis em meio a mudanças decorrentes da modernização e do progresso aos moldes europeus. Assim, vemos, nos textos de João do Rio, uma importante característica da crônica, a de fazer uma releitura dos fatos selecionados e interpretados pelo jornal, ficcionalizando-os. Conforme Claudia Gonçalves (2013. p .01)

À medida que buscava assunto nas ruas para seus textos, João do Rio registrava suas impressões a respeito das consequências do processo modernizador na cidade do Rio de Janeiro além de inovar sua forma de escrita. Essa inovação se fazia principalmente pela união do jornalismo com a literatura.

Portanto, Paulo Barreto não apenas escrevia crônicas, mas transformava em jornalismo. Não eram narrações sem fundamentos/aleatórias, pelo contrário, ele visitava os locais onde a elite não frequentava, conversava com as pessoas que não tinha

voz nem vez e a partir daí narrava a realidade. Seus textos por muitas vezes denunciava o descaso, a falta de empatia, a intolerância religiosa e os problemas sociais que a *Belle Époque* fez emergir.

Contribuições deixadas pelo autor

Por meio da leitura das crônicas de Paulo Barreto, torna-se nítido as duas faces da *Belle Époque*. Foi através de seu pseudônimo João do Rio que ele fez críticas sociais e registrou fatos relevantes presenciados no século XX, deixando claro as condições sociais, econômicas e políticas da época. Tais registros contribuem e muito para o estudo da historiografia da literatura brasileira uma vez que o autor se preocupou em transcrever de maneira autêntica/fidedigna a realidade que presenciou enquanto cronista e jornalista. Mas não é apenas isto, a imprensa, a literatura, também se favorecem destes escritos. A inovação que o autor traz na escrita dessas crônicas faz com que aja uma relação entre literatura e jornalismo enriquecendo também o acervo cultural do nosso país.

Considerações Finais

As transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas na Europa no final do século XIX e início do século XX tiveram uma proporção gigantesca. Observamos que tal fato influenciou vários países, inclusive o Brasil. Como pôde ser visto, as grandes cidades brasileiras, em especial o Rio de Janeiro, acompanhou esse desenvolvimento urbano e a modernização. Buscando impor as novas tendências vindas da Europa, focando em projetos de urbanização copiados principalmente de Paris. Toda essa remodelação trouxe consigo pontos positivos e negativos. Uma nação foi marcada por uma política "embelezatória", que visava apenas remodelar a cidade, desconsiderando muitos lares, diversidade cultural e a população já existente no país.

Após analisadas as crônicas narradas por João do Rio fica evidente a disparidade que ocorria na Belle Époque. É neste contexto que Paulo Barreto ganha destaque ao

relatar a realidade nua e crua. Este período foi para muitos um tempo de prosperidade e conquistas, mudanças e inovações, mas para tantos outros, o retrocesso, a marginalização. Ela favoreceu aos que já tinham, e excluiu ainda mais aqueles que já eram esquecidos pela sociedade.

Uma cidade que em prol da modernização, levou famílias a saírem de suas moradias para darem espaço a novas construções não poderiam ter resultados diferentes. A favela por exemplo, cresceu, e junto dela todos os problemas sociais como segregação espacial, ausência de mobilidade, falta de infraestrutura bem como saneamento básico, violência e a criminalidade. João do Rio fez história por contar histórias, ele que por meio das crônicas-reportagens, inovou a escrita, enriquecendo a nossa literatura, deu vez aqueles que não tiveram, fez de protagonista aqueles que ficaram de escanteio. É por meio de suas produções que hoje podemos dizer que as contribuições foram além da escrita, visto que é por meio delas que podemos compreender o cenário da época e concluir que os problemas sociais atuais advêm de um passado não tão distante.

Referências

LIMA, Natália. **A Belle Époque e seus reflexos no Brasil**. 12 f. Artigo (Mestrado em História). Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

RIBEIRO, Cláudia. **João do Rio e as ruas do Rio**. 2014. 235 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

PAULINO, Fernanda. **A pobre gente: as crônicas de João do Rio no jornal e no livro**. 2014. 201 f. Dissertação(Mestrado em Letras) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2014.

IVO, Ledo. **Cinematógrafo: Crônicas Cariocas**. Coleção Afrânio Peixoto; v.87. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

ORMANEZE, Fabiano. **Entre ser dândi, flâneur e militante, um carioca chamado João do Rio**. Disponível em: <http://portal.metodista.br/mutirao-do-brasileirismo/cartografia/verbetes/america-do-sul/joao-do-rio-2> .> acesso em 16 jun. 2022.

LUCENA, Felipe. **História do Theatro Municipal**. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-do-theatro-municipal/> .> acesso em 20 jun. 2022.

BARBIO, Luciana. **João do Rio, o cronista do início do século XX que foi cicerone de Isadora Duncan**. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/joao-do-rio-cronista-do-inicio-do-seculo-xx-que-foi-cicerone-de-isadora-duncan-19560051> .> acesso em 20 jun. 2022.

BANDEIRA DE MELLO, M. T. V. **O "Álbum das obras do porto do Rio de Janeiro"**: uma narrativa visual. **Acervo**, v. 28, n. 1, p. 266-277, 20 maio 2015.